

FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES NUMA PERSPECTIVA MULTICULTURAL: O LUGAR DAS NARRATIVAS ORAIS NAS ESCOLAS

LA FORMACIÓN CONTINUA DEL PROFESORADO EN UNA PERSPECTIVA MULTICULTURAL: EL LUGAR DE LAS NARRATIVAS ORALES EN LAS ESCUELAS

CONTINUOUS TEACHER EDUCATION IN A MULTICULTURAL PERSPECTIVE: THE PLACE OF ORAL NARRATIVES IN SCHOOLS

¹ Nádia Barros Araújo

Doutoranda em Ciências da Linguagem - PPGC, Universidade Católica de Pernambuco,
nadia.2021800113@unicap.br

² Ana Paula Torres de Queiroz

Doutoranda em Ciências da Linguagem - PPGC, Universidade Católica de Pernambuco, ana.2021800024@unicap.br

Contato do autor principal:

nadia.2021800113@unicap.br

FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES NUMA PERSPECTIVA MULTICULTURAL: O LUGAR DAS NARRATIVAS ORAIS NAS ESCOLAS

LA FORMACIÓN CONTINUA DEL PROFESORADO EN UNA PERSPECTIVA MULTICULTURAL: EL LUGAR DE LAS NARRATIVAS ORALES EN LAS ESCUELAS

CONTINUOUS TEACHER EDUCATION IN A MULTICULTURAL PERSPECTIVE: THE PLACE OF ORAL NARRATIVES IN SCHOOLS

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre o trabalho pedagógico com as narrativas orais numa perspectiva multicultural a partir de um curso de formação continuada de professores. Apresenta reflexões e sugestões resultantes de uma pesquisa qualitativa de cunho participativa com 15 (quinze) professores da Educação Básica, da cidade de Tapiramutá/Bahia. Para tanto, tomamos como percurso teórico as perspectivas de Candau e Moreira (2008), Giroux e Simon (1994) e Iveniki (2018). No texto, discute-se em linhas gerais as potencialidades pedagógicas das narrativas orais como forma de superação da visão antagonista, dicotômica, de fala e escrita, a qual faz-se evidente no contexto escolar e até mesmo no currículo, em que a ênfase recai sob a escrita. Além da riqueza cultural, percebemos que as narrativas orais são fontes de encantamento para os ouvintes e/ou leitores que são seduzidos por uma linguagem

ABSTRACT

This article aims to reflect on the pedagogical work with oral narratives in a multicultural perspective from a continuing education course for teachers. It presents reflections and suggestions resulting from a qualitative participatory research with 15 (fifteen) Basic Education teachers in the city of Tapiramutá/Bahia. Therefore, we take as theoretical path the perspectives of Candau and Moreira (2008), Giroux and Simon (1994) and Iveniki (2018). In the text, the pedagogical potential of oral narratives is discussed in general terms as a way of overcoming the antagonistic, dichotomous, speech and writing vision, which is evident in the school context and even in the curriculum, in which the emphasis is placed under writing. In addition to cultural richness, we realize that oral narratives are sources of enchantment for listeners and/or readers who are

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre el trabajo pedagógico con narrativas orales en una perspectiva multicultural desde un curso de formación continua para docentes. Presenta reflexiones y sugerencias resultantes de una investigación participativa cualitativa con 15 (quince) docentes de Educación Básica en la ciudad de Tapiramutá / Bahia. Por tanto, tomamos como camino teórico las perspectivas de Candau y Moreira (2008), Giroux y Simon (1994) e Iveniki (2018). En el texto se discute en términos generales el potencial pedagógico de las narrativas orales como una forma de superar la visión antagonista, dicotómica, del habla y la escritura, que se manifiesta en el contexto escolar e incluso en el currículo, en el que se hace hincapié en escribiendo. Además de la riqueza cultural, nos damos cuenta de que las narrativas orales son fuentes de encantamiento para los oyentes y / o lectores que se dejan seducir por un lenguaje sencillo, coloquial, marcado por regionalismos y

simples, de cunho coloquial, marcada por regionalismos e variações de gênero, que facilita o entendimento e interpretação, além de aproximar e atrair os sujeitos envolvidos. Expõe como resultados razões para inserirmos as narrativas nas práticas escolares além de sugestões de propostas de atividades indicadas pelos professores em formação, para o uso das narrativas orais no cotidiano escolar. Consideramos que o curso Narrativas orais - Entrelaces com as práticas pedagógicas cumpriu o papel e objetivos que foram delineados, principalmente no que tange ao diálogo com os contadores de histórias e suas riquezas culturais, bem como para a reflexividade das temáticas a partir das ações educativas com vistas a uma educação para a pluralidade cultural, orientado pela perspectiva multicultural.

Palavras-Chave: Narrativas orais, Formação de professores, Multiculturalismo.

seduced by a simple, colloquial language, marked by regionalisms and gender variations, which facilitates understanding and interpretation, in addition to bring and attract the subjects involved. As a result, it presents reasons for inserting narratives into school practices, as well as suggestions for proposed activities indicated by teachers in training, for the use of oral narratives in everyday school life. We believe that the Oral Narratives - Interlaces with Pedagogical Practices course fulfilled the role and objectives that were outlined, especially with regard to the dialogue with storytellers and their cultural riches, as well as for the reflexivity of themes from educational actions with aimed at an education for cultural plurality, guided by a multicultural perspective.

Keywords: Oral narratives, Teacher training, Multiculturalism.

variaciones de género, que facilita la comprensión e interpretación, además de acercar y atraer. los sujetos involucrados. Como resultado, presenta razones para insertar narrativas en las prácticas escolares, así como sugerencias de actividades propuestas indicadas por los docentes en formación, para el uso de narrativas orales en la vida escolar cotidiana. Creemos que el curso Narrativas Orales - Entrelazamientos con Prácticas Pedagógicas cumplió con el rol y los objetivos que se trazaron, especialmente en lo que se refiere al diálogo con los narradores y sus riquezas culturales, así como por la reflexividad de los temas de las acciones educativas con el objetivo de una educación. por la pluralidad cultural, guiados por una perspectiva multicultural.

Palabras-clave: Narrativas orales, Formación de profesores, Multiculturalismo.

INTRODUÇÃO

Na sociedade contemporânea as informações são cada vez mais instantâneas, a qual pressupõe novos posicionamentos dos indivíduos, novas configurações teóricas, novos desafios e obviamente a quebra de alguns paradigmas, especialmente no que se refere à comunicação, a forma como damos sentido e significado aos acontecimentos, aos fatos e ao mundo que têm consequências diretas com a formação da nossa identidade.

Em meio a estas novas demandas oriundas pelos avanços tecnológicos e pela globalização percebemos que a linguagem também tem se modificado, surgiram novas modalidades, onde imagens, músicas, fala, escrita se unem e se complementam. Neste sentido, percebemos que a escola e o currículo devem ser redimensionados com vistas ao desenvolvimento de um leitor/escritor letrado nas múltiplas linguagens, porém ao fazermos esse processo de revisão precisamos refletir sobre a inserção de novas práticas que contemplem as novas linguagens, sem, no entanto desprezarmos modalidades tidas como tradicionais, como as narrativas orais, com o propósito de considerarmos a oralidade e a riqueza da cultura popular em toda a sua diversidade.

Dessa forma “compreender o impacto do currículo na formação das identidades docentes é entender suas possibilidades em promover a reprodução de preconceitos ou, ao contrário, a valorização da diversidade cultural”. (IVENICK 2018, p.1159).

Utilizando uma abordagem que converge narrativa-linguagem e sociedade, entendemos as narrativas orais como fruto da interação no contexto de sua produção. Sendo assim, o fazer pedagógico voltado para elas deve ir além do conteúdo ou da busca pelo pitoresco, pela folclorização, ou apenas a transposição do texto oral para o escrito com o uso da língua culta, ao tomarmos tais posturas estaremos reduzindo o potencial das narrativas orais a práticas tradicionais que não visualizam a pluralidade.

Neste vasto campo da comunicação contemporânea e as suas múltiplas linguagens, muitas das vezes acabamos perdendo de vista a “fala”/oralidade, que fica em segundo plano, ainda permanece a visão antagônica, dicotômica, a qual faz-se evidente no contexto escolar e até mesmo no currículo, em que a ênfase recai sob a escrita. Tal constatação é um problema que merecer ser melhor analisado e trabalhado em sala de aula, visando a sua superação.

Sendo assim, nos perguntamos: como a formação continuada de professores pode ser desenvolvida numa perspectiva multicultural, trazendo as narrativas orais como pano de fundo para se ultrapassar a dicotomia fala-escrita presente em sala de aula?

Nesta perspectiva, temos como objetivo refletir sobre o trabalho pedagógico com as narrativas

orais numa perspectiva multicultural a partir de um curso de formação continuada de professores.

Para atingirmos o objetivo em tela e respondermos a questão da pesquisa tomamos como percurso teórico as perspectivas de Candau e Moreira (2008), Giroux e Simon (1994) e Iveniki (2018), e adotamos uma metodologia qualitativa de cunho participativa.

Acreditamos que as narrativas populares sob o ponto de vista da práxis pedagógica são importantes construções para o trabalho que se fundamenta na concepção multicultural pós-moderna, cujo principal objetivo é permitir o convívio entre diversas formas de saberes, com a contextualização da linguagem, sentidos e singularidades, uma pedagogia que compreende o diferente na diferença, rompendo os estigmas de verticalidade e soberania dos conhecimentos a serem partilhados e estudados no currículo oficial.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As narrativas orais são produções regidas por forma poético-estética particular que exige do narrador uma performance harmoniosa conforme o gênero do texto: drama, humor, fantasia, terror. Tais construções são permeadas por saberes, crenças e vivências, construídos por sujeitos históricos, carregadas de diversidade, tendo na linguagem a marca do seu contexto social, histórico e cultural, sendo estes, pontos de destaque enquanto amparo pedagógico a ser percebido pelo currículo.

Ao nos reportamos às narrativas orais, estamos trazendo para a discussão uma tradição milenar, já que narrar histórias é uma atividade anterior à própria escrita, presente nas mais diversas civilizações e espaços geográficos e sociais, com múltiplas intenções: educar, divertir, difundir valores morais, éticos e religiosos, entre outros. Evidenciamos nas narrativas orais ideologias, identidades, conhecimento e sabedoria, através da caracterização dos personagens, das ações desenroladas ao longo do desenvolvimento do enredo, dos conflitos vividos e até mesmo nos desfechos das tramas.

Traços reveladores e multifacetados da cultura popular são representados no cenário da oralidade, aspectos das concepções de mundo, hábitos e valores ganham cor na voz dos narradores populares, patrimônio que fica enraizado nas mentes dos contadores e dos ouvintes que são motivados a visualizar imagens sob o olhar da imaginação.

Muito embora, na sociedade da era digital, letrada, das informações massificadas e velozes, que tem buscado a homogeneização cultural, por meio da globalização, as narrativas orais são, por vezes, postas à margem, com o estereótipo de ser menor, inferior, desprestigiada, tendo lugar apenas a literatura canônica, uma ideologia hegemônica e ocidental, sob o modelo eurocêntrico.

Segundo Vieira (2002, p.104), “rejeitar ou marginalizar as histórias e as culturas daqueles que não representam o grupo dominante tem consequências profundas na expressão da subjetividade e da identidade”.

Essa tendência de desmerecermos a cultura que foge aos padrões eurocêntricos esteve presente no fazer pedagógico por muito tempo, mas na contemporaneidade não há mais lugar para tanto, uma vez que, diante das imensas mudanças, não podemos pensar numa cultura pura, única e homogênea, ou identidades fechadas, visto que somos híbridos, influenciados por diversas culturas, nossas identidades estão em constante formação e transformação, como nos apontam os estudos sobre multiculturalismo. Nesta perspectiva abraçamos a ideia defendida por Candau (2012) Apud Ivenicki (2018), que enfatiza que o multi/interculturalismo deve ser visto como um modelo que não se prende somente à localização geográfica nem à jurisdição específica de cada grupo social, mas com aquele cujo enfoque afete toda a educação, favorecendo uma dinâmica crítica e a interação entre diferentes grupos sociais.

Além da riqueza cultural, percebemos que as narrativas orais são fontes de encantamento para os ouvintes e/ou leitores, que abordo da voz, entonação e movimentação corporal do narrador é transportado a um mundo de figuras e imagens que se desenham nas suas mentes, são seduzidos por uma linguagem simples, de cunho coloquial, marcada por regionalismos e variações de gênero, que facilita o entendimento e interpretação, além de aproximar e atrair os sujeitos envolvidos.

Ao sermos apanhados por esta linguagem que condensa passado e presente, bem como pelas imagens mentais que construímos, sendo que estas imagens são formas de nos reapropriarmos da história narrada, não são construções meramente restritas a padrões estéticos e ideológicos, uma experiência particular de ver e de tornar visto, colocamos à tona uma gama diferenciada de experiências vividas, medos, alegrias, angústias, retomamos a lugares visitados e misturamos com as nossas concepções de mundo.

Toda essa construção estimula a produção de imagens mentais, nos desperta enorme curiosidade por conhecer a sua relação e importância para a produção de sentido na leitura dos educandos, pois como nos recomenda Bosi:

[...] entender as experiências do sujeito e suas imagens metafóricas, que lembranças deram vida ao texto narrativo; ou mesmo perceber que acontecimentos da infância; ou novos estímulos acabaram se atualizando na palavra ficcional. O fato dessas várias pistas serem pertinentes leva o interprete a assumir uma posição de cautela na hora sempre arriscada de historiar a gênese de um texto que traz em si marcas de tempos diversos, convergentes em sua produção.(BOSI,2000, p.12-13)

Do mesmo modo, parece claro que as novas formas de comunicação contemporânea têm induzido modos de subjetivação/objetivação, de estar no mundo, produzindo mecanismos

diferenciados na forma de conceber e se relacionar com o real e o imaginário, na transformação quase que permanente da dinâmica tempo e espaço. Por isto, é certo que mais importante do que o intenso desenvolvimento visual é a relação que com ela estabelecemos e atualizamos, ou seja, o modo como percebemos a nós mesmos e registramos os processos de subjetivação e invenção.

Vale ressaltar que diante das múltiplas linguagens que temos acesso na comunicação atualmente, o trabalho com a fala/ oralidade fica relegado a um segundo plano, tendo ainda como agravante a visão dicotômica da fala e escrita onde a ênfase recai sobre a escrita nas práticas de sala de aula e até mesmo no currículo escolar.

Carecemos alargarmos as concepções para além do antagonismo, mergulharmos rumo ao entendimento de complementaridade entre escrita e oralidade, bem como atentarmos para a complexa finalidade desta modalidade da língua, cujo objetivo basilar reside na socialização e interação social, como afirma Marcuschi:

[...] a oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob várias formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso. (MARCUSCHI, 2001, p.25):

Diante destas discussões, percebemos as inúmeras potencialidades das narrativas orais, visto que é através da fala do narrador, em meio aos fenômenos que a constituem como prosódia, gestualidade, movimentos do corpo e dos olhos, que a interação se dá, a oralidade é a modalidade onde o intercâmbio de saberes, as práticas sociais e culturais se entrelaçam, coadunam-se. Habermas (2002, p.95) afirma que as narrativas orais, “sob o aspecto do entendimento, elas servem à tradição e a continuidade do saber cultural, sob o aspecto da socialização, servem à formação e à conservação de identidades sociais”. Ainda Habermas (2002, p.96) assegura a narrativa oral “é o armário do saber, do qual os seus participantes da comunicação extraem interpretações no momento em que se entendem mutuamente sobre algo”.

METODOLOGIA

Este trabalho tem a abordagem qualitativa. A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, de motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes (MINAYO, 2014). Adotamos como procedimentos a pesquisa bibliográfica, que é aquela desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos (GIL, 2008) e Pesquisa Participante, onde envolve o uso de instrumentos dentro de uma ação popular. Envolvimento do pesquisador e pesquisado (GIL, 2008).

Para respondermos a problematização de que no contexto de múltiplas linguagens, muitas das

vezes acabamos perdendo de vista a “fala” /oralidade, que fica em segundo plano, sendo esse fato evidenciado no contexto escolar e até mesmo no currículo, em que a ênfase recai sob a escrita, pensamos que esse problema merecia ser melhor analisado e trabalhado em sala de aula, visando a sua superação.

Dessa forma, como a formação continuada de professores pode ser desenvolvida numa perspectiva multicultural, trazendo as narrativas orais como pano de fundo para se ultrapassar a dicotomia fala-escrita presente em sala de aula, buscamos apreender inicialmente o aparato teórico acerca do tema. Seguindo essa trilha, fizemos inicialmente uma revisão bibliográfica.

Visando investir na formação continuada dos professores, a fim de promovermos um diálogo reflexivo e problematizador acerca do conhecimento e do currículo, elaboramos um curso, o qual intitulamos de: Narrativas orais - Entrelaces com as práticas educativas.

Buscamos através da formação promover um movimento colaborativo de reflexão sobre o multiculturalismo, a ausência das narrativas orais no currículo, com vistas a pensarmos e elaborarmos práticas educativas que primassem pelo diálogo produtivo entre a escola e os diversos saberes que emergem das narrativas orais dos contadores de história de Tapiramutá.

O público alvo da pesquisa participante foram 15 (quinze) professores do município de Tapiramutá - BA, das redes públicas e particular de ensino. O curso teve duração de 80 horas.

Visando o anonimato dos sujeitos participantes da pesquisa, os mesmos foram nomeados por P (professor) e um número. P1 – professor1.

Planejamos o curso a partir do diagnóstico realizado junto aos professores inscritos, durante as oficinas de apresentação, onde fizemos o levantamento de temas que os docentes almejavam discutir.

Sendo assim, o curso foi desenhado a partir das seguintes temáticas:

- Narrativas orais e Memórias – nestas oficinas propomos inicialmente a reflexão sobre como as memórias pessoais, familiares e profissionais são parte da formação individual permeadas de subjetividades e significações, com vistas à compreensão de como o passado pessoal e coletivo, com suas histórias, memórias, acontecimentos e particularidades são fontes significativa para a socialização de saberes e para a produção e ressignificação de conhecimentos. Como ancoras teóricas destas discussões nos embasamos em: Ecléa Bosi (2012), Walter Benjamin (1986) e Pierre Nora (1993),
- Narrativas orais e Identidade –Refletimos sobre os conceitos e concepções de identidade, a fim de que compreendêssemos que a identidade é movediça, está em construção e reconstrução, num processo contínuo e dinâmico de autoconhecimento. Em seguida oportunizamos estudos sobre a identidade e a diferença, ancorados nos teóricos: Stuart Hall (1996), Tomaz Tadeu da Silva (2014) e

Zigmud Bauman (2005),

- Narrativas Oraís e sua relação com o imaginário e as representações sociais – Os trabalhos em torno desta temática foram centrados nos estudos de Moscovici (1978), Maffesoli (2001) e Pierre Bourdieu (2001), cujas perspectivas concebem as representações sociais como conjunto de explicações, crenças e ideias que nos permitem evocar modos de compreender e agir no mundo, sistema simbólico que atribui sentido e lógica as relações sociais. Após, estas reflexões, debatemos sobre como as narrativas oraís compostas pelo imaginário que permeiam e circulam na cidade de Tapiramutá: As lendas do lobisomem, da Caipora, as botijas de dinheiros e o aparecimento de almas penadas, podem deixar emergir representações sociais, por fim passamos a pensar ações e estratégias de como trabalharmos tais representações no contexto escolar,

- Literatura Popular e Literatura Clássica – Nossos objetivos com esse eixo temático foi o de problematizarmos sobre o não lugar da literatura popular, não só das narrativas oraís, mas também dos repentes, dos cordéis, dos raps entre outros no currículo escolar, para tanto utilizamos como norteadores os pensamentos de Henry Giroux e Roger Simon (1994).

- Narrativas oraís e atividade de apresentação e publicação – Estas oficinas centraram-se nos debates sobre como aproveitarmos o potencial das narrativas oraís em atividades pedagógicas que envolvessem toda a comunidade escolar, bem como, a comunidade local, logo foram voltadas para a prática, onde nos debruçamos a pensar em atividades culturais tais como a realizações de saraus e a produção de livros cartoneiros.

Tomamos como diretriz o desenho metodológico mediado por momentos de reflexão, experimentação e produção. Dessa forma, as oficinas temáticas foram introduzidas por meio das seguintes atividades: dinâmicas de grupo, questões problematizadoras, estudos de textos teóricos, contato com diversas expressões culturais, tais como: cordéis, trechos de filmes, documentários, músicas, imagens, bem como propomos atividades que primavam pela rememoração de histórias vividas vinculadas as temáticas em estudo. Tais atividades figuraram como ponto de partida para a elaboração das propostas pedagógicas autorais que visualizavam a inserção das narrativas oraís nas práticas pedagógicas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Traremos nesta seção as atividades denominadas colcha de retalhos e contação de histórias para que, a partir delas sejam realizadas algumas considerações.

A colcha foi composta das lembranças e reminiscências que marcaram a vida profissional, pessoal e afetiva dos cursistas. Teve como objetivo Compreender o passado pessoal e coletivo, com

suas histórias, memórias, acontecimentos e particularidades, como uma fonte significativa para produção literária, além de refletir sobre o papel da memória e do contar a própria história no mundo atual.

Sem dúvida, este foi um momento extremamente significativo para construirmos reflexões sobre o papel e representações daquelas narrativas para o entendimento das subjetivas formas de nos vermos, vermos aos outros e de concebermos o mundo, bem como discutirmos sobre a diversidade de experiências e vivências que nos compõem, pois muitas das narrativas desembocavam em memórias sociais que apontam não só para a identidade pessoal, mas também para a identidade cultural da nossa cidade.

Sobre esta atividade alguns professores pontuaram:

A memória, ou melhor, as memórias individuais ou coletivas são na verdade um produto humano que traz consigo as características da sociedade na qual estamos inseridos socialmente e culturalmente. Nesse sentido, a atividade Colcha de retalhos, nos mostra como as memórias individuais e coletivas refletem sobre a existência humana, suas origens e suas situações problemas. (P1)

As memórias se revelam como um importante papel no construto da história. Partindo desse pressuposto, com a dinâmica Colcha de retalhos foi possível nos emocionarmos e percebermos que nós educadores devemos nos apropriar de práticas pedagógicas que contemplem a memória, sendo assim estaremos aproximando nossos alunos da realidade política, econômica, social e principalmente cultural. Promovendo, a ressignificação da identidade dos sujeitos envolvidos no processo. (P2)

Gostei de várias atividades do curso, mas a Colcha de retalhos onde narramos às histórias que marcaram nossas vidas, foi muito prazeroso, não só porque narramos, mas também por nos proporcionar ouvirmos os colegas, conhecer as particularidades das suas vidas. Hoje por exemplo, vejo muitos deles de forma diferente, mexeu muito comigo esse momento. (P3).

Termos escolhido desenvolver as oficinas de formação através de atividades de reflexão, experimentação e produção, nos levou a apreender algumas das visões dos professores quanto ao potencial pedagógico das narrativas orais no contexto escolar.

Paulo Freire (1987) afirma o quanto é relevante promovermos aprendizagens através de uma educação dialógica e reflexiva, para tanto o pensador nos revela princípios a serem contemplados:

[...] as atividades de experimentação não podem ser utilizadas como um adendo à teoria apresentada em sala de aula. De forma geral, a educação dialógico-problematizadora e a investigação-ação escolar são balizadas pelos mesmos fundamentos: diálogo e problematização. (FREIRE, 1987, p.64).

Dando continuidade as atividades, propomos roda de causos, Cafés com Prosa, painel audiovisual dos contadores de história, além do contato com entrevistas narrativas dos contadores.

Acreditamos que estes momentos oportunizaram aos professores visibilizar atividades diferenciadas sobre as temáticas em estudo, além de possibilitar-lhes alargar o leque de percepções para as práticas pedagógicas baseadas na perspectiva sócio-histórico-cultural.

Um outro momento das oficinas foi composto por rodas de contação de histórias, que teve como objetivo conhecer as histórias orais que marcaram os professores, promover contato dos

professores com os contadores de histórias e ouvir histórias que marcaram a infância dos contadores convidados.

As rodas de contação são possibilidades para que o diálogo com a multiculturalidade aconteça, uma prática pedagógica inovadora que oportuniza a inserção de pessoas da comunidade no ambiente escolar e que legitima as experiências e saberes populares presentes nas narrativas orais, ou seja, é “uma forma que proclama a experiência da diferença vivida como pauta para a discussão e como um recurso central para uma pedagogia da possibilidade”. (Simon 1987, apud Moreira & Silva, 2002, p.105).

No entanto, cabe alertarmos que as rodas de contação não podem ser resumidas a apenas momentos pontuais, desenvolvidos como eventos, desvinculados de quaisquer outros propósitos educativos, pois assim estaríamos reforçando a ideia alegórica e folclórica que tradicionalmente vemos sendo praticada no cotidiano escolar quanto ao trabalho com a cultura popular.

Faz-se imprescindível que atividades como as rodas de contação de história, sejam promovidas no seio escolar para além de mero evento pontual e da folclorizador, mas que elas possam ser planejadas a partir da problematização e de objetivos muito bem delineados e que após a sua realização o professor possibilite atividades que tragam reflexões a partir das narrativas contadas, tais como:

- Como a imagem do sujeito é construída e representada ao longo das histórias narradas?
- Como estas representações afetam nossa imaginação e a forma como nos vemos e nos percebemos?
- Em que as narrativas contadas se aproximam e em que se distanciam da sua realidade?

Neste sentido, algumas indagações sugeridas por Moreira e Silva (2012) nos fazem refletir sobre quais as finalidades devem orientar a inserção das práticas culturais populares no currículo e nas práticas educativas:

Coaduna aos nossos pensamentos o entendimento dos professores P5 e P9:

Poderíamos aproveitar o potencial cultural das narrativas orais no contexto escolar trazendo para o planejamento as narrativas não só como elementos para a leitura e escrita, mas para problematizarmos e refletirmos sobre as temáticas e situações que fazem parte delas, tais como a religiosidade, as representações sociais e identitárias, os valores, as crenças, etc.

Neste sentido, o que os professores deixam emergir em seu discurso é que precisamos romper com o que Magda Soares (1999) nomeia de a escolarização da literatura que “ Se traduz em sua deturpação, falsificação, distorção, como resultado de uma pedagogização mal compreendida, ao transformar o literário em escolar, desfigura-o, desvirtua-o, falseia-o” (SOARES, 1999, p.22).

Não acreditamos que o caminho seja a pedagogização das narrativas orais, desejamos uma pedagogia que acolha esta produção artística literária a fim não de calá-la, mas de que, capacite aos

envolvidos ativar novas aprendizagens, oferecidas pela entrada nos limiares dos enredos compostos pelas fronteiras e margens da subjetividade.

Nos parece relevante inserirmos as narrativas nas práticas escolares, pelas seguintes razões:

- Possibilitar o ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita a partir das narrativas (gêneros textuais);
- Compreender o papel social, afetivo, cultural e histórico que as narrativas orais contadas por autores populares oportunizam aos envolvidos.;
- Compreender como traços da identidade coletiva/individual, em suas múltiplas instâncias, crenças, valores e interesses são revelados nas narrativas;
- Perceber traços da identidade social e cultural da comunidade local.;
- Usar a memória oral como fator de valorização pessoal e comunitário e como instrumento para o desenvolvimento da cidadania;
- Inserir no ambiente escolar uma atividade atrativa, lúdica e inovadora.

Nas narrativas orais encontramos traços da identidade coletiva que revelam as compreensões de mundo dos sujeitos, sendo ação fundamental da escola abarcar estas potencialidades para o desenvolvimento do trabalho com a pluralidade cultural, uma das principais e relevantes características do cotidiano escolar, corroborando com as premissas de que a diversidade cultural é traço fundamental na construção das identidades, que são construídas e reconstruídas no meio social. Reconhecer tal potencial é compreende a escola para além das instituições, enquanto comunidades de vida e de destino, cujos membros vivem juntos e numa ligação absoluta (BAUMAN, 2005).

Consideramos que as discussões e práticas educativas sobre as identidades a partir das narrativas orais devem ser pautadas no que (Giddens 2002, p, 207) observa: “[...] estudo das identidades não é apenas o relacionamento que está em jogo, mas, sobretudo, a democratização da vida pessoal e social que se estende na esfera pública e privada.”

Reportando-nos para a lista de atividades indicadas pelos professores para o uso das narrativas orais em sala de aula e no cotidiano escolar, tivemos as seguintes sugestões:

Feira Literária;

Dicionário das narrativas orais;

Produção de mostra de vídeos;

Curta-metragem e documentários dos contadores narrando suas histórias;

Produção de animações e de desenhos animados;

Produção de peças teatrais;

Releituras das narrativas para o contexto atual tornando-as obras abertas para os alunos modificarem, reescreverem dialogando com outras narrativas;

Atividades de comparação entre textos;
Rodas de memórias;
Dramatização das histórias contadas;
Telejornal dos contos fantásticos;
Momentos para contação de histórias;
Saraus com contação de histórias;
Apresentação de chulas, declamação de cordéis, poesias, apresentações teatrais, etc;
Atividades de leitura e interpretação das narrativas orais;
Produção de Ilustrações das narrativas orais; pesquisa e produção de biografias dos contadores;
Produção de coletânea de causos e lendas.

Esta lista de sugestão apresentada nos revela olhares diferenciados que extrapolam as formas tradicionais que presam pelas atividades de exposição e registro. Percebemos que estas propostas partem de uma perspectiva inovadora, criativa e dialógica que poderão despertar a curiosidade dos alunos para a construção de novas aprendizagens mediadas pelo uso das narrativas orais.

CONCLUSÃO

O artigo teve como objetivo refletir sobre o trabalho pedagógico com as narrativas orais numa perspectiva multicultural a partir de um curso de formação continuada de professores.

Compreendemos que as novas demandas da atualidade emergem com a necessidade de reinventarmos nossas práticas pedagógicas em sala de aula, rompermos com os métodos aprendidos durante nossa formação enquanto profissionais do magistério, especificamente, no que se refere às práticas de leitura, não podemos nos deter apenas a prática da decodificação, ou a exigências da leitura como uma obrigação a ser cumprida, sem quaisquer objetivos de aprendizagem.

Tivemos como referencial a importância de ensinarmos sob a perspectiva multicultural, onde o popular e erudito se convergem e se relacionam, bem como o potencial das imagens mentais que invadem também o processo cognitivo da leitura, associando a esta realidade o encantamento que a literatura oral traz para a ampliação do gosto pela leitura.

Com o propósito de facilitar a inserção do aluno a uma viagem ao mundo da imaginação e das múltiplas linguagens é que sugerimos o uso das narrativas orais na sala de aula, não apenas com a intenção de divertir, mas como meio de redimensionarmos o olhar para o trabalho com a oralidade, para discutirmos a forma como elas são concebidas, suas influencia na imaginação dos seus receptores e emissores, além de inserirmos as vozes dos narradores e suas sabedorias que até estão no *não lugar* do currículo, bem como debatermos sobre os impactos das imagens metais que construímos a partir

destas narrativas para a formação da identidade e subjetividade dos nossos estudantes.

Diante disso, acreditamos que as reflexões e propostas encaminhadas por este trabalho, coadunam com a ideia de que as questões culturais não podem ser ignoradas pelo currículo escolar e precisam fazer parte das práticas pedagógicas dos professores e professoras. Neste sentido, a escola deve aproximar-se dos universos simbólicos e da identidade cultural dos seus estudantes.

Esperamos ter contribuído para o (re)pensar a formação de professores sensíveis a pluralidade identitária, subsidiando o multiculturalismo nas práticas pedagógicas. Sabemos que as propostas sugeridas aqui são um caminho para o aprofundamento de novas pesquisas na área.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro : Zahar, 2005.

FREIRE, P. **A Importância do Ato de Ler**. 20. ed. São Paulo: Cortez, 1987.

BOSI, E. **Memória e sociedade**. 17 ed. São Paulo: Companhia das letras. 2012.

CANAU, V. M. F. & MOREIRA, A. F. B. (orgs.), **Multiculturalismo**: diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GIDDENS, A. 1999. **Modernity and self-identity**: self and society in the late modern age. Oxford. UK: Polity Press.

GIROUX, H.; SIMON, R. Cultura Popular e Pedagogia Crítica: a vida cotidiana como base para o conhecimento curricular. In: Moreira, A. ; Flavio e S., Tomaz T. (Orgs.). **Currículo, Cultura e sociedade**. São Paulo: Cortez, 1994

HABERMAS, J. **Técnica e ciências como “ideologia”**. Lisboa: Edições 70. 1996.

IVENICKI, A. **Multiculturalismo e formação de professores**: dimensões, possibilidades e desafios na contemporaneidade. **Ensaio**: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, Rio de Janeiro, v.26, n.100, p. 1151-1167, jul./set. 2018. Disponível em:<https://www.scielo.br/j/ensaio/a/3J8sWsprqTf9WQp3JJqkP6F/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 03 de agosto de 2021.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 2. ed. São Paulo: Cortez. 2001.

SOARES, M. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, A., BRINA, H., MACHADO, M. Z. (orgs.). **A Escolarização da Leitura Literária**: O Jogo do Livro Infantil e Juvenil. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

Submetido em: 12.08.2021

Aceito em: 03.12.2021

Publicado em: 30.12.2021

Avaliado pelo sistema
double blind review